



Alguém Há de Enxergar: Análise do Conto “Os Homens Cegos no Hall de Mármore”, de Ignácio de Loyola Brandão

Someone Must See: An Analysis of the Short Story “The Blind Men in the Marble Hall”, by Ignácio de Loyola Brandão

Carolyne Dornelles Melo

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9499325750659654>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-3999-8849>.

Resumo: Este trabalho propõe-se a analisar o conto Os Homens Cegos no Hall de Mármore, do escritor brasileiro Ignácio de Loyola Brandão. Para tal, parte da contextualização do livro Cadeiras Proibidas, no qual consta o referido conto, dentro da obra de Brandão e estabelecendo relação com outras publicações do autor, as quais são do gênero romance. Além disso, o estudo também se propõe a, a partir do entendimento de Alfredo Bosi sobre a potência da forma conto como gênero literário do século XX, reconhecer a forma como este conto situa-se na literatura brasileira tanto pelas suas peculiaridades estéticas como pelo seu conteúdo, os quais contribuem para a reflexão do lugar que o indivíduo ocupa enquanto sujeito que atua na coletividade mas que também é, sobretudo, indivíduo, com seus anseios e dilemas. Por fim, estabelece-se uma aproximação do referido conto com o romance de Saramago (2006) *Ensaio sobre a Cegueira*, em razão da convergência temática no uso da cegueira como elemento para que os personagens estranhem e, a partir disso, encarem e reconheçam a realidade em que vivem e que, cotidianamente, a perpetuam.

Palavras-chave: literatura brasileira; conto; ficção especulativa.

Abstract: This work proposes to analyze the short story *Os Homens Cegos no Hall de Mármore* by the Brazilian writer Ignácio de Loyola Brandão. To this end it begins by contextualizing the book *Cadeiras Proibidas* in which the aforementioned short story appears within Brandão's body of work and establishing a relationship with other publications by the author, which are in the novel genre. Furthermore the study also aims to recognize, based on Alfredo Bosi's understanding of the power of the short story form as a 20th-century literary genre, how this story is situated in Brazilian literature, both in terms of its aesthetic peculiarities and its content which contribute to a reflection on the place that the individual occupies as a subject acting within the collective but who is also an individual with their own desires and dilemmas. Finally a connection is established between the aforementioned short story and Saramago (2006) novel *Blindness* due to the thematic convergence in the use of blindness as an element that causes the characters to become estranged from and from this confront and recognize the reality in which they live and which they perpetuate daily.

Keywords: Brazilian literature; short story; speculative fiction.

INTRODUÇÃO

Publicado nos anos 70, quando o Brasil vivia sob a ditadura empresarial-militar, o livro *Cadeiras Proibidas*, de Ignácio de Loyola Brandão (2003), compõe-se de contos cuja narrativa vai do especulativo ao absurdo, por vezes com um pé no pitoresco e outro no insólito. Ainda assim, apesar disso, traz em si elementos que levam à reflexão sobre a literatura produzida num período de censura e perseguição ideológica, a qual, sendo produto do trabalho intelectual de um sujeito, pode servir-nos de instrumental para a reflexão do papel do indivíduo no coletivo e como, em uma relação dialética, é influenciado por este concomitante à sua ação de sujeito que pensa e age.

Ignácio de Loyola Brandão (2001), nascido no município paulista de Araraquara em 1936, autor da obra que aqui é objeto de estudo, trabalhou como jornalista e tem uma produção literária que abrange, com êxito, crônicas, contos e romances. É imortal da Academia Brasileira de Letras desde março de 2019.

A primeira edição do livro *Cadeiras Proibidas* foi publicada em 1976, quando o autor já tinha em sua bagagem a publicação de *Zero* (1975), romance subversivo no uso da pontuação e na sua temática, experimental em sua forma, tendo sido publicado primeiro na Itália, devido à censura que vigorava à época no Brasil. *Zero* foi o segundo romance que Brandão (2001) publicou, e em razão das características anteriormente citadas, alcançou projeção maior que seu primeiro romance, *Bebel que a cidade comeu* (1968). Este último apresenta elementos que reaparecem em outros livros do autor (2001): na figura de Bebel, condensa os sintomas de um período de cultura cada vez mais massificada, em que o indivíduo é tornado produto; tem como pano de fundo a violência urbana que se apresenta desde a pobreza e marginalização de setores da sociedade, até a violência como política de Estado para conter os opositores do regime.

Depois de *Zero*, sua obra seguinte a ter impacto sobre a crítica e o público foi *Não Verás País Nenhum* (1981). Neste último, elementos que aparecem em contos de *Cadeiras Proibidas* tornam a aparecer, como o furo na mão de um homem, o qual o aceita pela singularidade que o furo lhe traz, mas implica na perda de emprego, conflito com a esposa e proibição de andar de ônibus, como se aquilo que o individualiza e o caracteriza como diferente dos demais o colocasse em lugar de pária, de alguém que não pode conviver com outrem.

Se alguns elementos que viriam a ser desenvolvidos na forma romance já apareciam, ainda que de forma esboçada ou mesmo sugerida, o livro de contos de 1976 é incontornável para a compreensão da obra de Brandão (2003). Dividido em oito temas, a edição de *Cadeiras Proibidas* utilizada nesta pesquisa é a de 2003, atualizada em 1996 e com o acréscimo de cinco contos em relação às edições anteriores. Estes contos adicionais trazem em si elementos que caracterizam a sensação de absurdo para os dias próximos à virada do segundo para o terceiro milênio, embora não haja alusão explícita a esta questão temporal em nenhum conto, essa percepção pode ser inferida pela referência aos computadores e ao telefone celular. Se aqui se faz menção a esse período histórico, deve-se à referência a obra literária de outro autor de língua portuguesa que será feita quando, enfim, nos debruçarmos sobre Os Homens Cegos no Hall de Mármores.

“Alguém há de enxergar”: análise do conto Os Homens Cegos no Hall de Mármores

Os contos de *Cadeiras Proibidas* são organizados em oito agrupamentos, denominados Cotidiano, Corpo, Clima, Mundo, Indagação, Descoberta, Ação e Vida – ou seja, questões universais ao homem, isto é, ao ser humano, que convencionou-se ser referido genericamente desta forma, o substantivo usado para referir-se, quando de forma específica, a um ser humano do gênero masculino. Faz-se esta ressalva pois o substantivo homem compõe o título da maioria dos contos, que iniciam com “o homem que...”, sendo poucos os títulos em que há plural e pouquíssimos os títulos onde há diferença de gênero (a mulher, a jovem, a noiva). Todos, porém, são precedidos do artigo definido.

Conforme Bosi (1996), “o conto cumpre, a seu modo o destino da ficção contemporânea, dado seu caráter plástico, em que as possibilidades da ficção são condensadas e potencializadas”, o que permite aos contos que compõem *Cadeiras Proibidas* cumprir, de forma exemplar, essa atribuição da ficção contemporânea, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo, sem desconsiderar que o êxito de um depende do outro.

Desse modo, tome-se como exemplo o conto em que um pai, durante a madrugada, é surpreendido pela figura de um lagarto verde (a cor da farda militar?) engolindo seu filho, mas o que o preocupa é ter testemunhado a cena, pois seria mais fácil fingir que nada aconteceu e ler no outro dia, nos

jornais, que o filho fora sequestrado. Neste conto, intitulado *O Homem que Viu o Lagarto Comer Seu Filho*, o insólito é utilizado como a ponte entre o absurdo da realidade, com pessoas desaparecendo e parte da sociedade evitando encarar este elefante (neste caso, lagarto) na sala. Este conto, com uma situação imaginária que nos permite estabelecer relação com o real aos que conhecem as condições sócio-históricas sob as quais ele veio à luz e o posicionamento pessoal do autor face a elas, não tem diminuído o deleite estético que causa ao leitor que desconheça tais fatores externos à obra, permitindo interpretações outras que divergem ou extrapolam uma leitura enviesada de crítica ao contexto ditatorial de então (Brandão, 1999).

Ainda relacionando à política e ao contexto histórico dos anos 70, outros contos do mesmo livro abordam outros pontos sensíveis ao período, como no conto do homem cuja orelha cresceu tanto que passou a fornecer carne para a cidade, até a população enjoar e um menino sugerir a morte do homem, este um sintoma de um período em que a eliminação do que incomoda é a via mais fácil e banalizada para solucionar um problema. Em alguns contos, a problemática central é a mesma: o diálogo, uma vez que este, suscetível de ambiguidade, num período de silêncio e negação, constitui-se em si num problema.

Essa questão do diálogo enquanto obstáculo e não via para a compreensão entre os sujeitos aparece em *Os Homens que Descobriam Cadeiras Proibidas*, quando homens, assim como o lagarto, invadem casas, não para engolir pessoas, mas para investigar a possível subversão que pode haver num ambiente doméstico: ter cadeiras. O diálogo entre os personagens, investigador e investigado, beira a irracionalidade, em que a argumentação se sustenta na negação do que existe e afirmação do que não existe, em que o abstrato tem a dimensão do concreto. E se neste conto vemos a negação da realidade, em *O Homem que Descobriu o Dia da Negação* isto é evidenciado de imediato em seu título. Quando não se pode dizer a verdade, nomear o que se vê, seja pelo medo ou convivência, a negação torna-se convencional. De certa forma, a negação da realidade permeia o livro, disfarçada em situações onde o absurdo e o insólito, beirando o realismo mágico então em voga (Brandão, 2003).

Não sendo aleatório o universo que o contista situa sua história (Bosi, 1996), observe-se que os contos deste livro são ambientados em casas, ruas, repartições públicas, prédios empresariais. Ambientes onde o homem da segunda metade do século XX encara sua própria complexidade: nas

casas e ruas, a sua individualidade, posta em perigo por lagartos ou postes, sendo que em casa encara a si mesmo e na rua a si enquanto parte do coletivo; nas repartições, questões burocráticas que desdobrar-se-ão sobre si enquanto indivíduo; nos prédios empresariais, defronta-se com a questão central da sociedade contemporânea: sua relação com o trabalho e a exploração deste. O conto que analisaremos a partir de agora, ponto central deste trabalho, situa-se neste último tipo de ambiente.

O Diretor-Presidente de uma grande empresa está resfriado. Priorizando o trabalho, deixa de lado o próprio bem-estar e saúde em prol de trazer lucros para a empresa. Enquanto toma seu café, trazido pela secretaria como rigorosamente acontece todos os dias, observa, do alto do prédio, dois operários conversando. Não se sabe de que falam, mas incomoda-se por estes trabalhadores desperdiçarem tempo em algo banal como uma conversa. Nessas reflexões sobre otimização do tempo para gerar lucro, ainda que às custas de relações interpessoais e submetido ao sofrimento físico que uma doença traz, é acometido subitamente por uma cegueira. Algo parecido com uma névoa começa a impedir sua visão. Recorre à secretaria, que também é acometida. Sai do escritório e no elevador encontra mais funcionários acometidos com a mesma cegueira súbita e inexplicável. Dirigem-se todos ao hall de mármore, onde aconteciam festas e comemorações. Trancados no prédio, pois todas as portas e janelas foram fechadas, talvez pelos seguranças quando atingidos pela cegueira, percebem que estão fadados a ali ficar, pois sendo as janelas de “blindex-triplo-fumê” não serão vistos nem ouvidos por quem se aproximar do prédio.

Na figura do Diretor-Presidente, do qual não sabemos o nome mas o cargo que exerce na empresa, tem-se a representação do ideal meritocrático de que todo esforço pessoal com fim profissional é reconhecido, o que o narrador apresenta por meio do café servido sempre no mesmo horário, indicando o apreço pelo metodismo e sistematização caros a um sistema em que tempo é dinheiro, e a preocupação do personagem com o mal-estar que sente, que pode comprometer seu objetivo de gerar mais lucro. Enquanto toma o café gosta de observar a cidade, que para ele é composta de edifícios, ruas cheias de carro e pessoas apressadas. Lhe agrada esse símbolo do progresso que são as metrópoles pós-Segunda Guerra Mundial, quando o sistema de produção e as relações de trabalho tornam-se cada vez mais dinâmicas e, assim, alteram profundamente as vidas das pessoas. Ele, enquanto do alto escalão de uma empresa, tem o sentimento de que é o responsável pelo trabalho “desta gente toda” (Brandão, 2003).

Ser o responsável pelo trabalho, porém, implica em não aprovar que trabalhadores usem seu tempo em atividades importantes ao ser humano, como conversar e cultivar laços de amizade. Numa sociedade industrializada, não há espaço para o que não está produzindo. Num ambiente de prioridade ao lucro, o tempo deve ser empregado para produzir, e quem desperdiça o tempo cultivando relações afetivas, não está produzindo. É enquanto observa esses dois trabalhadores que a névoa chega aos seus olhos, aumentando gradativamente, até impedi-lo completamente de enxergar, quando chega ao final do café. A secretária, ao tentar ajudá-lo, também torna-se cega. Ao pegar o elevador, o ascensorista, embora cego, continua em seu posto. Mais funcionários entram no elevador, todos cegos.

A hierarquia começa a ser abalada: embora o Diretor-Presidente continue pensando na empresa, outros funcionários passam a culpá-la pela cegueira que acometeu a todos e não dão importância à presença dele pois, como ele não pode vê-los, não poderá reconhecê-los. O Diretor-Presidente, personificando o ideal de metas e lucros da empresa, torna-se alvo dos demais, que reclamam que sempre foram vítimas de mentiras por parte da empresa, o que o protagonista contesta, pois o que era bom para a empresa era também para os funcionários.

Frente a esta situação, há quem defenda que não devem esperar a ajuda vir de fora, até porque, sendo um prédio empresarial de alta importância, a sua própria segurança estrutural impede que pessoas de fora ajudem quem está dentro – pois, afinal, na lógica mercadológica do Diretor-Presidente, apresentada no início do conto com as suas reflexões sobre os operários, subentende-se que a propriedade privada deve ser preservada e valorizada acima das pessoas. Levanta-se a questão do que aconteceria com alguém que fosse capaz de enxergar: teria seu olho furado, certamente, o que pode ser interpretado como uma metáfora para o espaço que o mercado destina àqueles que percebem seu funcionamento.

Tendo em vista o viés que este trabalho escolhe para analisar o livro *Cadeiras Proibidas*, isto é, situando a obra em seu contexto social e político, opção feita baseada nos romances do mesmo autor e publicados na mesma década, e em entrevistas que o autor concedeu nos últimos anos, nas quais não escondeu em nenhum momento sua opção política e a influência desta sobre sua criação literária (o que, ressalte-se, não torna sua obra panfletária), a interpretação que ora se privilegia é a da crítica à lógica de mercado, que cega na busca desenfreada pelo lucro, nega aos homens sua

própria natureza e os torna instrumento para gerar capital. Estes, perdendo seu papel de sujeito, perdem sua voz, ou melhor, seu olhar.

Na rotina de trabalho em que se é apenas mão-de-obra e o tempo não deve ser empregado de forma outra que não a da produção para enriquecer alguém que o observa do alto de um prédio, deixa de perceber o funcionamento desse sistema e qual peça é nessa engrenagem. Quando todos cegam, enfim percebem (com exceção do Diretor-Presidente) que as metas e lucros jamais foram sobre eles. Não acatam mais o discurso de que com o crescimento da empresa, hão de crescer também, pois perdendo a visão, percebem que eram apenas força produtiva a ser explorada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao leitor do conto que tenha contato com a obra nos dias de hoje e conheça, ainda que minimamente, a obra do escritor português José Saramago (2006), é inevitável relacionar o conto de Brandão com o Ensaio sobre a Cegueira, do autor português. No romance do ganhador do Nobel de Literatura, uma cegueira branca começa a espalhar-se, aos poucos, e uma única mulher continua capaz de ver. O livro português, publicado em 1995, ao qual foi feito referência superficialmente, sem mencioná-lo explicitamente, no início do presente estudo, por vezes é interpretado como uma metáfora da contemporaneidade, então num mundo pós-queda do Muro de Berlim, com o avanço do neoliberalismo em escala global e as consequências que traz, que já começavam a ser sentidas nos anos 70: individualismo exacerbado, consumismo desenfreado, questões morais e éticas postas à prova pela dinamicidade das relações sociais e políticas.

Essa ponte entre o conto e o romance que ora estabelecemos nos permite lançar luz sobre ambas, a partir do ponto que vemos hoje: um mundo fragmentado, passando por crises políticas e econômicas que se desdobram em crises humanitárias, em que a forma de se comunicar, de trabalhar, mudam drasticamente, mas as pessoas continuam sujeitas a vender sua capacidade produtiva em troca de subsistência, subsistência essa muitas vezes restrita ao comer e viver mal, e frequentemente com seus direitos ameaçados.

A nossa mal resolvida história com o período militar lança suas sombras até os dias de hoje, quando vozes dissonantes (porém poderosas) enaltecem esse período e seus horrores, como a tortura e o desaparecimento de

opositores do regime. Ignácio de Loyola Brandão (1999), em seus romances, ao abordar a ditadura aproxima-se de Plínio Marcos, que em suas peças de teatro, optando por caracterizar os marginalizados, as prostitutas, os bêbados, os loucos, teve a ditadura como pano de fundo e objeto de crítica. Entretanto, suas pitadas de humor e do absurdo, aproximam-no também de um livro como Pilatos de Carlos Heitor Cony (n.d.), com situações que vão do escatológico ao violento, violência esta, cometida também pelos representantes do Estado.

Por fim, considerando-se todos os pontos aqui levantados a respeito do conto, o livro em que ele se insere, e as relações estabelecidas com questões externas, percebe-se a atualidade (e reatualização) do conto e do livro que o contém para os dias atuais, quando questões sobre as relações e jornadas de trabalho são constantemente discutidas não apenas sob a perspectiva política e econômica mas também, e talvez principalmente, pela questão humana que a elas subjaz: afinal, atinge diretamente a questão de sobrevivência, de vida e papel social do homem.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo**. In: O Conto Brasileiro Contemporâneo. São Paulo: Cultrix, 1992.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Bebel que a cidade comeu**. 6^a ed. São Paulo: Global, 2001.
- _____. **Cadeiras Proibidas**. 10^a ed. São Paulo: Global, 2003.
- _____. **Não Verás País Nenhum**. São Paulo: Global, 24^a ed. São Paulo: Global, 2001.
- _____. **Zero**. 12^a ed. São Paulo: Global, 2001.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Roda Viva 1999**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DairuH11p0A>>. Acesso em: 19.abr.2019.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.